

Caro amigo Chico Rosa

Um competente conselheiro e também amigo de todos nós

Nos conhecemos logo que fui para a Equipe Willys, e você nos acompanhava voluntariamente em todos os treinos e corridas. O Luiz Antônio Greco, nosso chefe, te adorava. Sempre foi um competente analista, observador, além de vocacionado conselheiro, nunca negando o seu ombro para os lamentos dos pilotos mais atirados que viviam sempre sob alta tensão, não tendo sido à toa que o Emerson e o Piquet te elegeram como companheiro, escudeiro fiel, guru, guia espiritual ou sei lá o quê, com quem dividiram as noites mal dormidas e as refeições improvisadas, às vezes comendo sanduíches com as mãos sujas de graxa nas andanças das primeiras provas até os dias de glórias chegarem.

Em meados dos anos 1970, naquela época gloriosa dos brasileiros na Fórmula 1, nos reunimos para um jantar em minha casa e desfrutamos de mais uma conversa íntima de pé de orelha, momento fantástico, inesquecível e pitoresco, ficando imortalizadas as tuas participações nas duas historinhas inéditas que simbolizam fielmente o perfil genial do Emerson Fittipaldi e do Nelson Piquet, e que praticamente ninguém ficou sabendo, mas eu até hoje continuo revelando. A primeira sobre o Emerson, em Brands Hatch no campeonato de Fórmula 3, quando o carro foi restaurado após uma batida e era importante o teste para se verificar se tudo estava funcionando, mas naquele momento a chuva estava muito forte e pneus de chuva não estavam disponíveis. Mas, para quebrar o galho, foram colocados pneus radiais de Fórmula Ford, os únicos disponíveis, e o Emerson saiu naquele aguaceiro e mandou ver. Depois, surpreendentemente, se constatou que aquele tempo de volta estava bem abaixo dos melhores obtidos ali até então naquelas circunstâncias, o que surpreendeu o chefe da equipe Jim Russel. Algum tempo depois, a prova final do campeonato de Fórmula 3 era justamente



Chico Rosa, companheiro e confidente

em Brands Hatch, o adversário do Emerson tinha de chegar depois do quinto lugar, e o Emerson, que conseguiu fazer a pole, precisava da vitória para ser campeão. Na hora da largada, uma nuvem negra se aproximava anunciando uma chuvarada, e, naquele momento de grande tensão, você lembrou a ele dos tais pneus radiais de F-Ford que estavam devidamente guardados no caminhão da equipe. E o nosso amigo predestinado, com aqueles modestos pneus, disparou naquele aguaceiro que caiu e foi o campeão na Fórmula 3 daquele ano. Este momento histórico que poucos tomaram conhecimento ficou adequadamente imortalizado na capa da revista Autosport inglesa, na hora da largada onde se vê, da esquerda para a direita, você de costas e de blusão azul marinho, Wilsinho de amarelo, Jim Russel de boné e blusão azul com listra amarela e Emerson no carro, de capacete e pronto para a corrida. A segunda sobre o Piquet, quando ele era o dedicado segundo piloto da Brabham, tendo como companheiro o campeão



BRUNO GUERREIRO

mundial Niki Lauda. A equipe passava por uma fase difícil de desenvolvimento. No treino de classificação do Grande Prêmio da Inglaterra de 1979, em Silverstone, faltando pouco tempo para o final, Piquet parou no boxe e pediu para o seu engenheiro, Gordon Murray, para que providenciasse a rápida remoção de algumas marchas do câmbio aliviando o conjunto, deixando somente a quarta, quinta e sexta, pois, naquele tempo, em Silverstone, só havia curvas de alta. Perplexo e sem entender nada, Murray cumpriu aquela estranha determinação, e Piquet com alguma dificuldade e rateando conseguiu sair do boxe. Com o câmbio aliviado, conseguindo uma sensível vantagem no tempo colocando o carro na primeira fila, um resultado totalmente inesperado e espetacular. Gordon Murray surpreendido pelo desempenho desabafou na intimidade para você, ainda antes de Piquet retornar ao boxe:

— Eu tenho um gênio na mão e não sabia. Como é que ele deduziu que conseguiria sair do boxe arrancando em quarta marcha?

— Ele treinou isto ontem — respondeste.

— É um gênio mesmo, uma arma secreta — repetiu, empolgado, o engenheiro.

Estas passagens desconhecidas dos jornalistas e historiadores simbolizam a sua cumplicidade em cinco campeonatos mundiais de Fórmula 1 conseguidos com a competência e genialidade de Emerson Fittipaldi e Nelson Piquet.

Mais uma vez eu desfruto do privilégio de escrever uma carta aberta, compartilhando com os amantes da história do automobilismo o quanto você, meu dileto amigo Chico Rosa, é importante para o meio onde vivemos, e, além de tudo, muito querido por seus companheiros e para a história do automóvel e do automobilismo brasileiro, que tanto deve a você.

Bird Clemente

www.birdclemente.com.br

FOTOS: ARQUIVO PESSOAL